



# MÉTODOS E PRÁTICAS PEDAGÓGICAS:

## estudos, reflexões e perspectivas

**Marcos Pereira dos Santos**  
(Organizador)

## **Direção Editorial**

Prof.º Dr. Adriano Mesquita Soares

## **Organizador**

Prof.º Dr. Marcos Pereira dos Santos

## **Capa**

AYA Editora

## **Revisão**

Os Autores

## **Executiva de Negócios**

Ana Lucia Ribeiro Soares

## **Produção Editorial**

AYA Editora

## **Imagens de Capa**

br.freepik.com

## **Área do Conhecimento**

Ciências Humanas

# **Conselho Editorial**

Prof.º Dr. Aknaton Toczec Souza  
Centro Universitário Santa Amélia  
Prof.ª Dr.ª Andreia Antunes da Luz  
Faculdade Sagrada Família  
Prof.º Dr. Carlos López Noriega  
Universidade São Judas Tadeu e Lab. Biomecatrônica -  
Poli - USP  
Prof.º Me. Clécio Danilo Dias da Silva  
Centro Universitário FACEX  
Prof.ª Dr.ª Daiane Maria De Genaro Chiroli  
Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof.ª Dr.ª Déborah Aparecida Souza dos Reis  
Universidade do Estado de Minas Gerais  
Prof.ª Dr.ª Eliana Leal Ferreira Hellvig  
Universidade Federal do Paraná  
Prof.º Dr. Gilberto Zammar  
Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof.ª Dr.ª Ingridi Vargas Bortolaso  
Universidade de Santa Cruz do Sul  
Prof.ª Ma. Jaqueline Fonseca Rodrigues  
Faculdade Sagrada Família  
Prof.º Dr. João Luiz Kovaleski  
Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof.º Me. Jorge Soistak  
Faculdade Sagrada Família  
Prof.º Me. José Henrique de Goes  
Centro Universitário Santa Amélia  
Prof.ª Dr.ª Leozenir Mendes Betim  
Faculdade Sagrada Família e Centro de Ensino  
Superior dos Campos Gerais  
Prof.ª Ma. Lucimara Glap  
Faculdade Santana

Prof.º Dr. Luiz Flávio Arreguy Maia-Filho  
Universidade Federal Rural de Pernambuco  
Prof.º Me. Luiz Henrique Domingues  
Universidade Norte do Paraná  
Prof.º Dr. Marcos Pereira dos Santos  
Faculdade Rachel de Queiroz  
Prof.º Me. Myller Augusto Santos Gomes  
Universidade Estadual do Centro-Oeste  
Prof.ª Dr.ª Pauline Balabuch  
Faculdade Sagrada Família  
Prof.º Me. Pedro Fauth Manhães Miranda  
Centro Universitário Santa Amélia  
Prof.ª Dr.ª Regina Negri Pagani  
Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof.º Dr. Ricardo dos Santos Pereira  
Instituto Federal do Acre  
Prof.ª Ma. Rosângela de França Bail  
Centro de Ensino Superior dos Campos Gerais  
Prof.º Dr. Rudy de Barros Ahrens  
Faculdade Sagrada Família  
Prof.º Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares  
Universidade Federal do Piauí  
Prof.ª Ma. Sílvia Apª Medeiros Rodrigues  
Faculdade Sagrada Família  
Prof.ª Dr.ª Sílvia Gaia  
Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof.ª Dr.ª Sueli de Fátima de Oliveira Miranda Santos  
Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof.ª Dr.ª Thaisa Rodrigues  
Instituto Federal de Santa Catarina

© 2021 - **AYA Editora** - O conteúdo deste Livro foi enviado pelos autores para publicação de acesso aberto, sob os termos e condições da Licença de Atribuição Creative Commons 4.0 Internacional (**CC BY 4.0**). As ilustrações e demais informações contidas desta obra são integralmente de responsabilidade de seus autores.

M9399 Métodos e práticas pedagógicas: estudos, reflexões e perspectivas.  
/ Marcos Pereira dos Santos (org.). -- Ponta Grossa: Aya, 2021. 195 p. –  
ISBN: 978-65-88580-39-4

Inclui biografia

Inclui índice

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader.

Modo de acesso: World Wide Web.

DOI 10.47573/aya.88580.2.26

1. Educação. 2. Didática. 3. Ensino - Metodologia. 4. Prática de  
Ensino. Santos, Marcos Pereira. II. Título

CDD: 370.7

Ficha catalográfica elaborada pela bibliotecária Bruna Cristina Bonini - CRB 9/1347

International Scientific Journals Publicações de  
Periódicos e Editora EIRELI

AYA Editora©

CNPJ: 36.140.631/0001-53

Fone: +55 42 3086-3131

E-mail: contato@ayaeditora.com.br

Site: <https://ayaeditora.com.br>

Endereço: Rua João Rabello Coutinho, 557  
Ponta Grossa - Paraná - Brasil  
84.071-150

# SUMÁRIO

**Apresentação ..... 9**

## 01

**Aspectos do ensino técnico no México e na Alemanha pelo viés da educação comparada..... 11**

**Adolfo Ramos Lamar**

**Bárbara Macedo**

**Brigitte Klemz Jung**

**Taiani Vicentini**

**DOI: 10.47573/aya.88580.2.26.1**

## 02

**Metodologias ativas e pensamento conceitual reflexivo: aproximações possíveis na construção da disciplina metodologia da pesquisa ..... 21**

**Verena Santos Andrade Ferreira**

**DOI: 10.47573/aya.88580.2.26.2**

## 03

**A importância das soft skills na formação dos estudantes de engenharia civil..... 30**

**Arquelau Pasta**

**Rodrigo Boeing Althof**

**DOI: 10.47573/aya.88580.2.26.3**

# 04

## **Educação integral e BNCC: desafios e possibilidades ..... 42**

**Vitória Maria Cunha**

**Adriana Schneider Müller Konzen**

**Jean Mac Cole Tavares Santos**

**DOI: 10.47573/aya.88580.2.26.4**

# 05

## **O encontro do sujeito com a arte: um olhar voltado às mediações culturais .. 52**

**Luíse Ayesa Flôres Ribeiro Souza**

**DOI: 10.47573/aya.88580.2.26.5**

# 06

## **O uso de coleção entomológica como alternativa didática para o ensino fundamental da Escola Estadual Joaquim Caetano da Silva, Oiapoque, Amapá ..... 64**

**Maria Raimunda Moraes da Costa**

**Emerson Monteiro dos Santos**

**DOI: 10.47573/aya.88580.2.26.6**

# 07

**A observação de aves como ferramenta prática no ensino de ecologia em uma Escola Pública no Município de Oiapoque..... 80**

**Vívan Rosana da Silva**

**Emerson Monteiro dos Santos**

**DOI: 10.47573/aya.88580.2.26.7**

# 08

**Ensino remoto e gamificação nas aulas de Le - Inglês: engajamento através do lúdico na escola técnica em PE..... 101**

**Rosângela Maria Dias da Silva**

**Jane Gomes de Andrade**

**Maria Ferreira de Paula**

**DOI: 10.47573/aya.88580.2.26.8**

# 09

**A aprendizagem maker e a construção de modelos didáticos na educação profissional e tecnológica ..... 111**

**Jefferson Feitosa de Almeida**

**Adriane Nogueira Lazzaretti**

**Williany Lima de Carvalho Camargo**

**Isabela Cristina Picolo**

**Erick Tiago Costa de Lima**

**Ricardo dos Santos Pereira**

**DOI: 10.47573/aya.88580.2.26.9**

# 10

**A expressão cultural do jongo: a (de) colonialidade como processo para uma educação inclusiva..... 127**

**Elisabeth Soares Rocha**

**Giovane do Nascimento**

**Neusimar da Hora**

**DOI: 10.47573/aya.88580.2.26.10**

# 11

**Experiência com o blended learning em uma instituição pública brasileira ..... 137**

**Raquel de Almeida Moraes**

**Raquel Aparecida Souza**

**DOI: 10.47573/aya.88580.2.26.11**

# 12

**Ensino lúdico: o uso de brinquedo no ensino de ondulatória..... 153**

**Cleiciane Balieiro da Silva da Costa**

**Gessica da Silva de Brito**

**Argemiro Midonês Bastos**

**DOI: 10.47573/aya.88580.2.26.12**

# 13

**Quem sabe faz o mo(vi)mento ... :  
teorizando o projeto político-pedagógico  
escolar no Brasil contemporâneo ..... 173**

**Marcos Pereira dos Santos**

DOI: 10.47573/aya.88580.2.26.13

**Organizador ..... 187**

**Índice Remissivo ..... 188**

# Apresentação

Caríssimos leitores e caríssimas leitoras:

Saudações cordiais, respeitosas e singelas!

É com imensa satisfação e senso de responsabilidade profissional, associados a um compromisso ético e moral para com a Ciência, especificamente no que tange à Educação e aos conhecimentos e saberes acadêmico-científicos dela desinentes, que, na presente condição de Organizador e também Autor, redijo algumas palavras esclarecedoras, ainda que breves, apresentando esta primorosa obra científica intitulada **Métodos e práticas pedagógicas: estudos, reflexões e perspectivas**; ora publicada em formato de livro eletrônico à guisa de domínio público.

Trata-se de uma coletânea científica organizada, porém compilada a partir de várias mãos, muitas vozes e múltiplos olhares de autores(as) e coautores(as)/colaboradores(as) oriundos(as) de diferentes áreas do conhecimento científico, os(as) quais têm as questões educacionais – em suas inúmeras facetas, matizes e nuances – como principal foco de interesse, atenção, dedicação, in(ve)stigação e pesquisa acadêmico-científica, “curiosidade epistemológica”, estudos (individuais ou coletivos), análises crítico-reflexivas, desafios, perspectivas, aplicação de métodos/técnicas e metodologias de ensino, desenvolvimento de práticas pedagógicas e experiências profissionais docentes; seja no âmbito da escola de Educação Básica e/ou na Educação Superior.

Tautológicas são, pois, estas assertivas, as quais engendram, sobremaneira, num esforço coletivo de todos(as) os(as) participantes desta miscelânea, os treze valorosos e belíssimos artigos científicos/capítulos textuais autorais que a compõem, elencados não hierarquicamente na seguinte ordenação sequencial:

Abrindo com ‘glamour’ o presente livro, no Capítulo 1, os autores Adolfo Ramos Lamar, Bárbara Macedo, Brigitte Klemz Jung e Taiani Vicentini trazem a lume Aspectos do ensino técnico no México e na Alemanha pelo viés da educação comparada.

O Capítulo 2, nominado de Metodologias ativas e pensamento conceitual reflexivo: aproximações possíveis na construção da disciplina metodologia da pesquisa, está ao encargo da pesquisadora Verena Santos Andrade Ferreira.

O Capítulo 3, de autoria de Arquelau Pasta e Rodrigo Boeing Althof, aborda A importância das soft skills na formação dos estudantes de engenharia civil.

Por sua vez, no Capítulo 4, Vitória Maria Cunha, Adriana Schneider Müller Konzen e Jean Mac Cole Tavares Santos refletem criticamente sobre a temática Educação integral e BNCC: desafios e possibilidades.

O Capítulo 5, intitulado O encontro do sujeito com a arte: um olhar voltado às mediações culturais, tem por autoria a professora-pesquisadora Luíse Ayesa Flôres Ribeiro Souza.

Na sequência, compondo o Capítulo 6, Maria Raimunda Moraes da Costa e Emerson Monteiro dos Santos apresentam importantes discussões epistemológicas acerca de O uso de coleção entomológica como alternativa didática para o ensino fundamental da Escola Estadual Joaquim Caetano da Silva, Oiapoque, Amapá.

Vívan Rosana da Silva e Emerson Monteiro dos Santos, no Capítulo 7, tecem apontamentos sobre A observação de aves como ferramenta prática no ensino de ecologia em uma

Escola Pública no município de Oiapoque.

A seguir, abrilhantando ainda mais esta coletânea científica, tem-se o Capítulo 8, Ensino remoto e gamificação nas aulas de Le-Inglês: engajamento através do lúdico na escola técnica em PE, sob a responsabilidade autoral de Rosângela Maria Dias da Silva, Jane Gomes de Andrade e Maria Ferreira de Paula.

No Capítulo 9, os autores-pesquisadores Jefferson Feitosa de Almeida, Adriane Nogueira Lazzaretti, Williany Lima de Carvalho Camargo, Isabela Cristina Picolo, Erick Tiago Costa de Lima e Ricardo dos Santos Pereira efetuam relevantes considerações a respeito de A aprendizagem maker e a construção de modelos didáticos na educação profissional e tecnológica.

O Capítulo 10, cujo título é A expressão cultural do jongo: a (de)colonialidade como processo para uma educação inclusiva, tem por autores: Elisabeth Soares Rocha, Giovane do Nascimento e Neusimar da Hora.

Dando continuidade ao rol de textos científicos, todos de qualidade ímpar, engendra a presente miscelânea literária o Capítulo 11 denominado Experiência com o blended learning em uma instituição pública brasileira, cujas autorias pertencem a Raquel de Almeida Moraes e Raquel Aparecida Souza.

Ensino lúdico: o uso de brinquedo no ensino de ondulatoria é o tema abordado, no Capítulo 12, por Cleiciane Balieiro da Silva da Costa, Gessica da Silva de Brito e Argemiro Midonês Bastos.

Em última instância, o Capítulo 13, encerrando esta coletânea científica e sendo não menos importante, tem por autor o professor-pesquisador Marcos Pereira dos Santos, que trata de o seguinte objeto de estudo científico intitulado: Quem sabe faz o mo(vi)mento ... : teorizando o projeto político-pedagógico escolar no Brasil contemporâneo.

Posto isto, e sem mais a declarar, por ora, almejo sinceramente que este excelso livro de literatura educacional possa ser lido, relido e trelido por inúmeros(as) profissionais e estudantes da área educacional e também dos demais campos do conhecimento científico que têm atenção voltada ao processo ensino-aprendizagem, quais sejam: pesquisadores(as), educadores(as), professores(as), gestores(as) educacionais, coordenadores(as) pedagógicos(as), pedagogos(as) escolares, (neuro)psicopedagogos(as), brinquedistas educacionais, gameducadores(as), arteducadores(as), tradutores(as) e intérpretes de Língua Brasileira de Sinais (libras), especialistas em mídias tecnológicas educacionais, entre outros(as).

Ademais, desejo também que esta obra científica contribua de maneira efetiva, eficaz e eficiente para o desenvolvimento de novas e futuras pesquisas acadêmico-científicas em Ciências da Educação, redimensionando, retroalimentando e ressignificando métodos/metodologias educacionais e práticas pedagógicas escolares e universitárias.

Por fim, deixo aqui meu abraço caloroso a cada leitor(a) que, certamente, fará excelente uso deste seletto florilégio acadêmico-científico.

Gratidão!!! E até breve!

***Prof. PhD. Marcos Pereira dos Santos – Organizador***

# A expressão cultural do jongo: a (de)colonialidade como processo para uma educação inclusiva

## Jongo cultural expression: (de) coloniality as a process for inclusive education

---

**Elisabeth Soares Rocha**

*Doutora em Educação (UFF). Pós-doutoranda em Cognição e Linguagem (UENF). Licenciada em Música – UNIRIO*

**Giovane do Nascimento**

*Doutor em Políticas Públicas e Formação Humana pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (2010). Professor Associado da Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (UENF). Atua na área de Fundamentos da Educação e desenvolve pesquisas tratando de temas como: Modos de vida, percepção (linguagem musical e sonoridades), cultura e criação. Coordena o grupo de estudos e práticas musicais (GEPMU/UENF) e integra a equipe de pesquisadores do PEA- Pescarte (Ibama/Uenf/Petrobrás) coordenando a linha de pesquisa "Saberes e fazeres tradicionais das comunidades pesqueiras litorâneas da Região dos Lagos".*

**Neusimar da Hora**

*Licenciada em Pedagogia (FAFIC). Licenciada em Teatro pelo Instituto Federal Fluminense. Atriz. Mestre Jongueira.*

# Resumo

---

Este estudo decorre de duas pesquisas relacionadas entre si: primeiro, das reflexões realizadas no Grupo de Estudos e Práticas Musicais – GEPMU, sediado na UENF (Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro) no município de Campos dos Goytacazes, e, segundo, do acompanhamento, enquanto orientadora, do trabalho de monografia da licencianda em teatro, atriz e Mestre Jongueira, Neusimar da Hora. O GEPMU/UENF é um grupo interdisciplinar de pesquisa que se propõe a investigar as expressões musicais e artísticas presentes na Cultura Brasileira, sob a orientação do Prof. Giovane do Nascimento. De forma mais específica, a expressão cultural africana - Jongo - que constitui numa expressão cultural de dança e música com forte presença em nosso município, foi o objeto dessa pesquisa que integrou os estudos realizados no GEPMU, junto ao trabalho de orientação de TCC de Neusimar da Hora, que integrou os três autores desse trabalho. Esse estudo encontra-se dividido em duas partes correlacionadas entre si, em que na primeira apresentamos uma revisão bibliográfica sobre a temática diaspórica no contexto do debate sobre decolonialidade, e na segunda, registramos a manifestação do Jongo como resgate às origens e forma de resistir à colonização, tendo como referência as Rodas de Jongo do Núcleo de Arte e Cultura de Campos (NACC), e a sua importância para a inclusão da cultura afrodescendente na escola.

**Palavras-chave:** decolonialismo. jongo. educação inclusiva.

Do processo de descolonização vivenciado no “terceiro mundo”, compreendido historicamente como “a independência, libertação e emancipação das sociedades exploradas pelo imperialismo e neocolonialismo – especialmente nos continentes asiático e africano”, infere-se o termo “pós-colonialismo”, que se institucionalizou como corrente e escola de pensamento, cuja centralidade do discurso se dá na superação das relações de colonização, colonialismo e colonialidade, apontando o “colonial” como referência às “situações de opressão diversas, definidas a partir de fronteiras de gênero, étnicas ou raciais” (BALLESTRIN, 2013, p.90).

Deveu-se à Aníbal Quijano<sup>1</sup> a origem do termo “colonialidade do poder”, que exprime as relações de colonialidade no âmbito da economia e da política, as quais, não se extinguíram com a destruição do colonialismo. Para Walter Mignolo<sup>2</sup>, a concepção do termo colonialidade possui uma tripla dimensão: a do poder, do saber e do ser. Tal compreensão se estabelece na esteira do pensamento sobre a relação intrínseca entre modernidade e a experiência colonial (Ibid., 2013, p.99).

A colonialidade é um dos elementos constitutivos e específicos do padrão mundial de poder capitalista. Se funda na imposição de uma classificação racial/étnica da população do mundo como pedra angular do dito padrão de poder e opera em cada um dos planos, âmbitos e dimensões materiais e subjetivas, da existência social cotidiana e da escala social. Origina-se e mundializa-se a partir da América (QUIJANO, 2000, *apud* BALLESTRIN, 2013, p.101).

A perspectiva que aponta para a mundialização do poder no aspecto modernidade/colonialidade, conforme apontado por Quijano (2000) inclui o modo de produzir conhecimento a partir do eixo europeu e mais recentemente, norte americano, que, de forma mais enfática, Grosfoguel chamou de “sistema mundo europeu/euro-norte-americano/moderno/capitalista/colonial/patriarcal” (GROSGOUEL, 2008, *apud* BALLESTRIN, 2013, p.102).

Na busca por uma reflexão crítica sobre a modernidade/colonialidade em suas múltiplas e distintas formas: a colonialidade do poder, do saber e do ser, surge o conceito “de-colonial crítico”, cuja essência está no “desprendimento, abertura, de-linking, desobediência, vigilância e suspeição epistêmicas, como estratégias para a decolonização, de-colonização ou descolonização epistemológica” (Ibid., 2013, p.108).

Segundo Walsh (2012), tal reflexão depende da construção de uma interculturalidade austera, capaz de desarticular a matriz colonial presente no capitalismo e criar outras condições de poder, saber, ser, estar e viver, que apontem para a possibilidade de conviver numa nova lógica, que partam da complementaridade e das parcialidades sociais. Isto é, a interculturalidade crítica, como enfrentamento do problema estrutural-colonial-racial e sua ligação com o capitalismo de mercado, que questione a lógica instrumental irracional do capitalismo e aponte para a construção de uma sociedade diferente, de uma outra ordem social (WALSH, 2012, p.65).

Para tanto, como já advertiu Mészáros,

Todos aqueles que tentam articular os interesses das classes subordinadas têm de assumir – mais uma vez como uma questão de determinação estrutural insuperável – uma

<sup>1</sup> Aníbal Quijano foi membro-fundador do grupo Modernidade/Colonialidade — M/C e um dos principais pesquisadores do pensamento decolonial. Ao longo de seus 90 anos de idade tornou-se referência da ciências sociais latino-americanas pela conceituação de “colonialidade do poder”.

<sup>2</sup> Walter Mignolo nasceu na Província de Córdoba, Argentina, em 1 de maio de 1941, é um semiólogo argentino e professor de literatura na Universidade de Duke, nos Estados Unidos. É conhecido como uma das figuras centrais do pensamento decolonial latino-americano e como membro fundador do Grupo modernidade/colonialidade.

postura negativa, não apenas com respeito à suposta “organicidade” da ordem estabelecida, mas também quanto às suas determinações objetivas e às instituições de controle socioeconômico e político-cultural (MÉSZÁROS, 2011, p.1033).

Walsh e Mézáros convergem entre si, ao considerarem o “problema estrutural-colonial-racial e sua ligação com o capitalismo de mercado”, o qual, sob a lógica expansionista, destrutiva e, no limite, incontrolável, assume cada vez mais a forma de uma crise endêmica, cumulativa, crônica e permanente, com a perspectiva de uma crise estrutural cada vez mais profunda, prenúncio da destruição global da humanidade, cuja única forma de evitá-la é colocando em pauta a atualidade histórica da alternativa combativa, e seu enfrentamento.

Segundo Penna (2014) o tema central, ao qual se dedica a literatura pós-colonial trata da “colonização cognitiva” ou “colonização do ser”, ou, dito de outra forma, colonização ontológica, isto é, a partir do modo de “construção desse ser” que é construído o modo de conhecer - epistêmico ou cognitivo do indivíduo, de si mesmo e do mundo.

De acordo com Quijano, tais categorias estão diretamente ligadas a classificação produzida no colonialismo e ainda presente no padrão de poder mundial hegemônico atualmente, baseada na classificação da população mundial sobre a ideia de raça, forjada com a descoberta e colonização da América.

## Parte I: O resgate às origens como forma de resistir à colonização

Segundo Frantz Fanon (1979), o “movimento de resgate às origens como forma de resistir à colonização é, por si, hipócrita e sem efeito”. Tendo como ponto de partida sua formação em Psiquiatria e Filosofia, na França, o autor que discutiu os impactos do racismo e do colonialismo na psique de colonizadores e colonizados, foi enfático ao demonstrar o quanto as alienações coloniais são incorporadas pelos colonizados, mesmo no contexto de elaboração do protesto.

O impacto trazido pela publicação do texto da sua primeira tese rejeitada: *Peau noire, masques blancs* (Peles negras, máscaras brancas), acrescido de sua pesquisa sobre o problema dos pacientes em territórios coloniais, vinculando as enfermidades ao colonialismo, atuando no Hospital Psiquiátrico Blida-Joinville na Argélia, além de ter assistido o nascimento da revolução argelina e a violenta repressão francesa, da qual decorre sua filiação à Frente de Libertação Nacional – FLN (Front de Liberation Nationale), passando a contribuir ativamente como escritor do jornal *El Moudjahid*, em Túnis, Fanon viveu intensa agitação política, participando nos fóruns internacionais dos movimentos de libertação do continente africano. Em 1961, após escrever *Les damnés de la terre*, no ápice de sua atividade política e intelectual, um grave problema de saúde interrompe suas atividades, levando-o à morte.

Segundo Frantz Fanon, “resgatar as origens do povo colonizado não tem utilidade alguma, na medida em que não envolve um tratamento dos problemas atuais e uma orientação para a ação ou para a luta armada”. Partimos, portanto, dessa prerrogativa, para refletir os “problemas atuais” sugeridos na afirmativa de Fanon (FANON, 1979, *apud* PENNA, 2014, p.189, grifo nosso).

Consideramos, primeiramente, que não é possível enfrentar por meio da negação o “mito civilizatório e da inocência da violência moderna”, superando a “mitologia da modernidade eurocêntrica”, conforme apontada por Dussel (2005), como possibilidade de superar a “colonização do ser” para alcançar a “razão emancipadora”, com o apagamento histórico da identidade do colonizado. De onde vieram? Qual história narra sua gênese? Essa história, necessita ser resga-

tada a fim de que ele (o colonizado) reencontre “seu lugar”, no contexto da sociedade atual. Para Freire, esse resgate cultural significa a retomada da “palavra”, não como um meio para o diálogo, mas sim como práxis. Segundo Freire (2005),

No processo de desconstrução da mitologia da estrutura opressora a palavra tem um papel fundamental. Não a palavra como um meio para o diálogo, mas sim como práxis, ou seja, como fruto da ação e da reflexão humana. A palavra tem o papel de pronunciar o mundo, de problematizá-lo, de modificá-lo (FREIRE, 2005, *apud* PENNA, 2014, p.192).

Vale ressaltar que não se trata de um “resgate de essência”, do idílico, mas sim, de certas características que são fundamentais para o próprio confronto de visões para a formulação de direitos, direitos estes que, foram negados ao colonizado. Em segundo lugar, consideramos que, Fanon (1979) ao referir-se como uma “falácia”, a busca por uma reconstrução da cultura originária a partir das categorias definidas pelo próprio colonizador, apontou para uma outra possibilidade de recuperação cultural: a reconstrução da identidade que foi “negada pelo colonizador”, por meio da proibição da “palavra”. Nesse sentido, o que enfatizamos aqui, é a recuperação da “palavra” que está presente nas expressões culturais dos povos colonizados.

A partir dessas considerações apresentamos a expressão do Jongo em Campos dos Goytacazes como a “palavra” originária, que, apagada da história da população negra, escravizada e oprimida, consiste, não apenas, na devolução do direito à “palavra”, mas também, na denúncia da permanência histórica do privilégio àqueles que protagonizaram a “palavra”: o colonizador.

Conforme argumenta Dussel (1993),

o “encobrimento do outro” está subjacente uma denúncia do roubo do direito de pronunciar a palavra, da detenção de um privilégio da “Europa moderna” para classificar e enquadrar o resto do mundo a partir da falácia da “civilização” (DUSSEL, 1993, *apud* PENNA, 2014, p.192).

A perspectiva decolonial implica em romper com a “colonização do ser”, e isso inclui, a recuperação da palavra pelo oprimido, por meio de suas práticas originárias, a partir das categorias presentes em sua própria história, preservada oralmente e transmitida de geração à geração.

### Jongo – uma expressão de (re) existência

A primeira metade do século XIX, um grande afluxo de africanos chegou como escravos para o estado do Rio de Janeiro, nas regiões do Vale do Paraíba, no Litoral Sul e Norte fluminense. As comunidades remanescentes de quilombo e dos jongueiros do Sudeste, atualmente, encontram-se, geograficamente, nas regiões que desembarcaram - os portos clandestinos do litoral do Vale do Paraíba, onde concentravam as fazendas de café (NEPOMUCENO, et. al., 2008, p.9).

Os maioria dos escravos trazidos para o Sudeste do Brasil vinham do Centro-Ocidental da África, conhecida como Congo-Angola, pertencentes a variadas etnias, das regiões de Benguelas, Congos, Cabindas, porém, faziam parte de um mesmo grupo linguístico-cultural: o Bantu (NEPOMUCENO, et. al., 2008, p.15).

As proximidades linguísticas e religiosas dos povos Bantus permitiram a criação de elementos de coesão e de solidariedade nas experiências do cativo e na construção do jongo do Sudeste. Os jongueiros escravos do século XIX cantavam nas rodas de jongo palavras como kikongo, kimbundo, cujos significados não eram entendidos pelos não iniciados: “palavras” que

produziam a construção identitária entre os escravos.

Na expressão cultural do Jongo, os versos eram cantados na roda em forma de solista e coro, num tipo de “chamado e resposta”. O “cumba” – líder do canto, era uma pessoa mais velha, conhecedora de muitas práticas e costumes, e que exercia o papel religioso no grupo. Da reunião de muitos “cumbas”, surgiu o termo, “macumbas”, palavra que se refere a prática religiosa com vínculos ao culto dos antepassados (NEPOMUCENO, et. al., 2008, p.17).

Segunda a pesquisadora e jogueira campista, Neusimar da Hora,

no Jongo os tambores tambu/caxambu, candongueiro e puíta representam os “três tempos” rítmicos, pois sempre estiveram ecoando o sagrado e a voz da ancestralidade. O tambor que, inicialmente era feito de tronco de árvore, encourado com pele de animal e aquecido no entorno da fogueira para esticar a pele, com o decorrer do tempo este instrumento foi ganhando formas e características próprias de acordo com o “avanço” e reconhecimento dessa manifestação (HORA, 2021, p.34).

O Dossiê IPHAN 5 – Jongo no Sudeste, ressalta que,

O jongo é uma forma de expressão que integra percussão de tambores, dança coletiva e elementos mágico-poéticos. Tem suas raízes nos saberes, ritos e crenças dos povos africanos, sobretudo os de língua bantu. É cantado e tocado de diversas formas, dependendo da comunidade que o pratica. Consolidou-se entre os escravos que trabalhavam nas lavouras de café e cana-de-açúcar localizadas no Sudeste brasileiro, principalmente no vale do Rio Paraíba do Sul. É um elemento de identidade e resistência cultural para várias comunidades e espaço de manutenção, circulação e renovação do seu universo simbólico. Proclamado Patrimônio Cultural Brasileiro em novembro de 2005 pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, o jongo foi registrado no Livro das Formas de Expressão. O registro teve como base a pesquisa desenvolvida pelo Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular, e teve como suporte a metodologia do Inventário Nacional de Referências Culturais<sup>3</sup> (IPHAN, 2007, p.11).

Embora tenha tido seu reconhecimento pelo IPHAN em 2005<sup>4</sup>, o Jongo ainda representa, na atualidade, uma expressão cultural que sofre preconceito e provoca a exclusão de quem a pratica.

De acordo com o depoimento de Hora (2021), desde os primórdios da implantação do Núcleo de Arte e Cultura de Campos (NACC),

em se tratando de vivenciar e levar para o palco ritos relacionados a cultura de matriz africana, os espetáculos no qual participei desde a década de 80 já se expressavam através de cenas como a Umbanda, o Jongo, a dança afro e as manifestações de cultura popular, que trouxeram à tona, por um lado, o preconceito existente em relação às religiões de matriz africana, mas, por outro lado, proporcionou um “novo olhar” por parte da elite campista, que alienada em sua cultura e cultos de herança europeia e norte-americana, começaram a “enxergar” a cultura negra. Além disso, muitos umbandistas que ao se sentirem acudados diante de tanto preconceito, se sentiram reconhecidos e valorizados ao ponto de deixarem de esconder os seus cultos, passando a assumir sua religiosidade e sua importância que os anos regados pelo preconceito étnico tentaram dominar e apagar (HORA, 2021, p.18).

Segundo Walsh (2012), a UNESCO ao declarar a diversidade cultural como “patrimônio da humanidade, fonte de democracia política e fator de desenvolvimento econômico social”,

<sup>3</sup> Fonte: Dossiê IPHAN 5 – Jongo no Sudeste. IPHAN. Brasília. 2007. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/>. Acessado em: 12 de fev. 2021.

<sup>4</sup> “Certifico que do Livro de Registro das Formas de Expressão, volume primeiro, do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN, instituído pelo Decreto número três mil quinhentos e cinquenta e um, de quatro de agosto de 2000, consta à folha 5, o seguinte: “Registro número 3; Bem cultural: Jongo do Sudeste” [...] Eu, Presidente do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN, na qualidade de Presidente do Conselho Consultivo do Patrimônio Cultural, em decorrência do registro do Livro das Formas de Expressão, e, de acordo com o artigo quinto do Decreto número três mil quinhentos e cinquenta e um, de quatro de agosto de 2000, CONFIRO o título de Patrimônio Cultural do Brasil ao Jongo no sudeste. Brasília, DF 15 de dezembro de 2005. Antônio Augusto Arantes Neto”. Fonte: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/59/>

ênfatisa a importância de os estados estabelecerem políticas culturais e promoverem a colaboração entre o setor público, o setor privado e a sociedade civil para o desenvolvimento humano sustentável como forma de garantir a preservação e promoção da diversidade cultural. No entanto, a Declaração da UNESCO defende a diversidade sem denunciar ou mudar o capitalismo globalizado (WALSH, 2012, p.64).

Para Walsh (2012), um projeto de decolonialidade, como elemento de inclusão na educação e na sociedade, significa tornar visível e confrontar a matriz colonial de poder, que se instalou a partir da ligação histórica entre a ideia de “raça” como instrumento de classificação e controle social e o desenvolvimento do capitalismo mundial (moderno, colonial e eurocentrado) que começou como parte constitutiva da constituição histórica da América, cujo sistema de classificação foi fixado para servir aos interesses, tanto da dominação social, quanto da exploração do trabalho sob a hegemonia do capital.

No Brasil, a inclusão da cultura afrodescendente se fez obrigatória na Educação Básica a partir da promulgação da Lei nº 10.639/2003, que acrescentou à Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) dois artigos: 26-A e 79-B, em que o primeiro estabelece o ensino sobre cultura e história afro-brasileiras e especifica que o ensino deve privilegiar o estudo da história da África e dos africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, e, acrescenta que, tais conteúdos devem ser ministrados dentro do currículo escolar, em especial nas áreas de educação artística, literatura e história do Brasil<sup>5</sup>.

No entanto, o que se observa como aplicação da lei dentro das escolas, é um despreparo do docente, acrescido do preconceito da comunidade escolar, gestores, professores e alunos, que, oriundos de uma formação familiar religiosa cristã, por tradição, veem as expressões culturais africanas como uma “demonização”, a qual precisa, não apenas, ser rejeitada, como combatida.

Segundo Santos (2015),

Com o advento da Lei 10.639/03 e das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afrobrasileira, os conteúdos relacionados ao patrimônio, à história e às heranças africanas, no Brasil, passaram a ser demandadas por instrumentos legais. No entanto, ainda não se pode celebrar uma completa adesão dos gestores/as responsáveis pelos sistemas de ensino, no que se refere ao cumprimento da lei (SANTOS, 2015, p.35).

Portanto, o trabalho educacional, no que se refere, a inclusão da cultura afrodescendente no Brasil, ainda está longe de ser uma realidade.

## Parte II: A arte na escola: por uma cultura afrodescendente inclusiva

A existência do Núcleo de Arte e Cultura de Campos - NACC resulta de toda a luta de seus integrantes, que trouxeram em sua vivência familiar, a arte, a religião, a dança e toda forma de expressão cultural de seus ancestrais, que tem sido preservada até hoje, em virtude da manutenção dessas memórias por várias gerações.

Conhecidos e reconhecidos pelos campistas como “Família da Hora”, da “Comunidade Teixeira”, referência à residência primeira da família, preservada ainda hoje, na Rua Teixeira de

<sup>5</sup> Fonte: <http://portal.mec.gov.br/ultimas-noticias/202-264937351/9403-sp-482745990>. Acesso em: 13 de Jun. 2021.

Melo, no Bairro Leopoldina, no município de Campos dos Goytacazes, os integrantes do Núcleo de Arte e Cultura de Campos – NACC, passaram a ser considerados “os resistentes” da cultura afrodescendente no município.

O Núcleo de Arte e Cultura de Campos, conhecido pelo nome fantasia de “Companhia Gente de Teatro”, foi criado, estatutariamente, no dia 12 de outubro de 1998, tendo como objetivo o desenvolvimento de todas as artes, em particular as relacionadas com as manifestações culturais de raiz, de origem popular, tais como Samba de Roda, o Jongo, a Mana Chica, o Fado de Crioulo, a Folia de Reis, o Boi Pintadinho, as Pastorais e os ritmos e sons nativos, afros e afrodescendentes. No estatuto consta ainda, o trabalho, sem nenhuma discriminação étnica ou social, voltado para a pesquisa, atuando na promoção de cursos de teatro, canto, música, dança e recreação, além de desenvolver espetáculos pedagógicos na rede escolar (HORA, 2021, p.25).

Pode-se afirmar que o NACC teve sua gênese na década de 80 quando três de suas integrantes, “minha prima Neinha da Hora, minha sobrinha Jovana da Hora e eu, Neusimar da Hora”, passamos a fazer parte do Grupo Experimental de Teatro do SESC, dirigido pelo teatrólogo e escritor, Orávio de Campos. No entanto, no ano de 1997, em virtude de mudanças políticas na filosofia da instituição o trabalho do Grupo Experimental de Teatro do SESC foi extinto, e assim, o Grupo perdeu o espaço físico para as oficinas e ensaios e o apoio do SESC (HORA, 2021, p.30).

Assim, o Grupo ficou sem um espaço físico para os encontros, reuniões e ensaios, durante um bom tempo, até que receberam o acolhimento do Teatro de Bolso através do diretor Avelino Ferreira, para utilizarem suas dependências e darem continuidade ao trabalho. No entanto, a dificuldade de deslocamento para o Teatro, em virtude da distância, e dos horários, às vezes, durante a noite, impediram que o Grupo continuasse usando o Teatro de Bolso para os ensaios. O quintal dos vizinhos e a própria rua Teixeira de Melo passaram a ser o “palco” de encontro, ensaios e novos projetos para o Grupo.

De acordo com Hora (2021),

a minha Família mantém e preserva as manifestações de cultura popular como – a Mana Chica, o Jongo, o Balé Afro e a História do Boi. Manifestações estas que, de uma certa forma, sempre estiveram presentes em nossas vidas, através da “quadrilha de roça” nas festas juninas e das “rodas de samba” no quintal, das “jongadas” na comunidade da Baleeira e da “fé nos tambores” do terreiro de Mãe Elda (HORA, 2021, p.29).

O apoio que o Grupo recebeu da diretora Silvia do CEJOPA - Colégio Estadual José do Patrocínio, escola localizada nas proximidades da rua Teixeira de Melo, inaugurou o início da relação do Grupo com a educação.

A escola disponibilizou uma sala para os ensaios e, como contrapartida, o NACC passou a integrar a agenda dos eventos escolares junto com a animação cultural representada por Elisângela Beraldi da Hora, além de uma troca de conhecimentos efetiva com os alunos do professor de História Edmilson, que cumpria, em suas aulas, a legislação que defende a inserção da cultura afrodescendente e indígena no ensino no Brasil. Dessa forma, a contribuição cultural do Grupo adentrava os meandros da Educação básica, colaborando com a fundamentação pedagógica, provocando uma mudança na visão dos estudantes no que concerne às expressões culturais africanas (HORA, 2021, p.25).

Vale ressaltar que o NACC, ainda como Grupo de Teatro Experimental do SESC, recebeu

premiação com a montagem “Favela Ponto Cinco”, que retratava o abuso policial na comunidade da Baleeira e denunciava o tráfico nos bairros elitistas da cidade que não recebiam a chamada “batida de averiguação”. Além desta, a peça, de autoria e direção, do professor e mestre Orávio de Campos, intitulada “O Auto do Lavrador na volta do Êxodo”, que abordava a história da cultura canavieira em Campos, também trazia a temática da denúncia, desta vez, da exploração escrava dos cortadores de cana da região. Dentro do espetáculo, as referências culturais traziam, o Jonggo, a Mana Chica do Caboio e a Umbanda, como manifestação religiosa.

No ano de 1988, Centenário da Abolição no Brasil, foi criado o Balé Afro Ilê Sain à Oxa-lá, com o coreógrafo Amauri dos Reis Joviniano, que apresentou a narrativa histórica sobre a abolição de autoria do Professor e mestre Orávio de Campos Soares, com a parte rítmica sob a desenvoltura do percussionista Antônio Carlos Alves Machado - “Beijinho” e arranjo da Maestrina Vilma Rangel Braga. Assim, o NACC se constituiu como Grupo artístico, em que a linguagem teatral vem sendo tecida sob a força da identidade da cultura negra.

De lá para cá inúmeras montagens foram realizadas integrando teatro, música e dança, que foram passando de geração à geração, num processo de manutenção das manifestações culturais existentes, e que continuam vivas na região graças ao legado que vem sendo preservado por esse grupo “artístico-social” (HORA, 2021, p.12).

O que se pode observar a partir da atuação do NACC nas escolas foi uma identificação real e viva, por meio da música, da dança e do teatro, da cultura afrodescendente, próxima de grande parte dos estudantes, mas que, por timidez e receio de sofrer o preconceito, não expressavam.

Portanto, mais que uma prática pedagógica, a inserção da cultura afrodescendente trazida pela Lei nº 10.639/2003, não deu conta de romper com o preconceito, a ausência de “palavra”, no sentido abordado por Freire (2005) e apontado, na primeira parte desse estudo, por Santos (2015).

Logo, a experiência do NACC, ao recuperar a expressão cultural do Jonggo, inserindo-o nas escolas por meio da arte teatral cumpriu com a inclusão da cultura afrodescendente, quebrando a resistência e o preconceito de forma muito mais eficaz.

## CONSIDERAÇÕES

Consideramos três aspectos fundamentais à guisa de inclusão real da cultura afrodescendente na educação brasileira apontado nesse estudo: primeiramente, na demonstração de que é necessário um esforço conjunto de “interculturalizar”, isto é, destacar lógicas, racionalidades e formas socioculturais de viver historicamente negadas e subordinadas, e, fazer com que essas lógicas, racionalidades e modos de vida, contribuam de uma forma chave e substancial, para uma nova construção, articulação, quiçá, para uma transformação real (WALSH, 2012, p.69).

Segundo, as expressões culturais que acabam por serem “silenciadas” pelo preconceito, pela cultura de massa, e pelo desrespeito étnico-racial precisam ser recuperadas em suas origens. Para tanto, a sociedade civil organizada precisa se mobilizar promovendo espaços de debates que revelem a condição da “cultura oprimida” e fortaleçam as lutas de grupos como o

E, terceiro, conforme abordou Walsh (2012, p.72), é fundamental que reflitamos sobre novas possibilidades de conceber e gerir a vida. Buscando uma razão decolonial baseada na convivência ética entre o ser humano e o seu meio, desafiando a fragmentação, tecendo uma nova identificação social, política e cultural do país que aceite as particularidades histórico-ancestrais, enquanto se distancia dos desígnios do capitalismo global que nos faz reféns “eternamente colonizados” em seu Sistema.

## REFERÊNCIAS

BALLESTRIN, Luciana. América Latina e o giro decolonial. *Revista Brasileira de Ciência Política*, nº11. Brasília, maio - agosto de 2013, pp. 89-117.

FANON, Frantz. *Os Condenados da Terra*. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.

\_\_\_\_\_. *Pele negra, máscaras brancas*. Tradução de Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

FLEURI, Reinaldo Matias. Interculturalidade, identidade e decolonialidade: desafios políticos e educacionais. *Série-Estudos - Periódico do Programa de Pós-Graduação em Educação da UCDB*. Campo Grande, MS, n. 37, p. 89-106, jan./jun. 2014.

HORA, Neusimar da. *Núcleo de Arte e Cultura de Campos: Três Décadas de Resistência da Cultura Negra no Município de Campos dos Goytacazes - um relato de experiência*. Monografia. Curso de Licenciatura em Teatro, no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Fluminense – campus Campos-Centro. Orientadora: Drª. Elisabeth Soares da Rocha. Campos dos Goytacazes – RJ. 2021.

MÉSZÁROS, István. *Para além do capital: Rumo a uma teoria da transição*. Tradução: Paulo Cezar Castanheira, Sérgio Lessa. - 1.ed. revista. - São Paulo. Boitempo, 2011.

NEPOMUCENO, E. B., et. al. *Pelos Caminhos do Jongo e do Caxambu: História, Memória e Patrimônio*. UFF. Ministério da Cultura. 2008.

PENNA, Camila. Paulo Freire no pensamento decolonial: um olhar pedagógico sobre a teoria pós-colonial latino-americana. *Revista de Estudos & Pesquisas sobre as Américas*. Volume 8, nº 2. 2014. P. 181-199.

QUIJANO, Aníbal. “Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina”. In: LANDER, Edgardo. *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas*. CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina. Setembro. 2005.

SANTOS, Erivaldo Pereira dos. *Formação de Professores e Religiões de Matrizes Africanas: um diálogo necessário*. Nandyala. Belo Horizonte. 2015.

WALSH, Catherine. *Interculturalidad y (de)colonialidad: Perspectivas críticas y políticas*. *Visão Global*, Joaçaba, v. 15, n. 1-2, p. 61-74, jan./dez. 2012.

# Organizador

## Marcos Pereira dos Santos

Pós-doutor (PhD) em Ensino Religioso. Doutor em Teologia - Ênfase em Educação Religiosa. Mestre em Educação. Especialista em várias áreas da Educação. Bacharel em Teologia. Licenciado em: Pedagogia, Matemática, Letras - Habilitação Língua Portuguesa e suas Respectivas Literaturas, Filosofia e Ciências Biológicas. Possui formação técnico-profissionalizante de Ensino Médio em Curso de Magistério (Formação de Docentes) - Habilitação Educação Infantil e Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Pesquisador em Ciências da Educação, tendo como principais subáreas de interesse: Formação Inicial e Continuada de Docentes, Gestão Escolar, Tecnologias Educacionais, Educação Matemática, Estatística Educacional, Educação a Distância e Educação Literária. Literato fundador, efetivo, titular e correspondente imortal de várias Academias de Ciências, Letras e Artes em nível (inter)nacional. Membro do Conselho Editorial e do Conselho Consultivo de várias Editoras no Brasil. Parecerista/Avaliador "ad hoc" de livros, capítulos de livros e artigos científicos na área educacional de Editoras e Revistas Científicas brasileiras. Participante de Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação. Literato profissional (escritor, poeta, cronista, contista, trovador, aldravianista, indrisonista, haicaísta, antologista, ensaísta e articulista). Na área literária é (re)conhecido nacional e internacionalmente pelo pseudônimo artístico-literário (ou nome-fantasia) de "Quinho Cal(e) idoscópio". Tem vários livros, coletâneas, antologias, capítulos de livros, ensaios e artigos acadêmico-científicos publicados em autoria/organização solo e em coautoria, nas versões impressa e digital. Possui ampla experiência profissional docente na Educação Infantil, Ensino Fundamental (I e II), Ensino Médio e Educação Superior (assessoria pedagógica institucional e docência na graduação e pós-graduação lato sensu). Leciona várias disciplinas curriculares pertencentes à área educacional. Atualmente é professor universitário junto a cursos de graduação (bacharelado, licenciatura e tecnologia) e de pós-graduação lato sensu na área educacional.

Contato: mestrepedagogo@yahoo.com.br.

# Índice Remissivo

## A

- Alemanha* 11, 12, 13, 14, 16, 18, 19
- alternativa* 18, 64, 65, 66, 68, 69, 72, 78, 115, 130, 163, 165, 166, 167, 168
- aluno* 24, 26, 29, 37, 38, 39, 41, 46, 51, 58, 59, 65, 67, 68, 71, 72, 74, 77, 81, 87, 88, 91, 99, 103, 105, 106, 108, 109, 113, 114, 122, 139, 142, 144, 145, 147, 148, 154, 155, 156, 157, 158, 160, 163, 164, 165, 166, 168, 169
- Amazônia* 65, 83
- ambientais* 35, 66, 67, 81, 83, 94
- ambiental* 16, 36, 77, 78, 81, 82, 84, 86, 87, 88, 91, 94, 98, 99, 102
- animais* 66, 68, 72, 73, 74, 78, 81, 82, 84, 90, 91, 94, 95, 97, 99
- aprendizado* 15, 17, 36, 62, 65, 67, 68, 74, 77, 81, 86, 91, 92, 103, 105, 106, 109, 113, 114, 115, 121, 122, 124, 139, 142, 155, 158, 160
- aprendizagem* 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 32, 33, 37, 38, 39, 40, 41, 44, 45, 46, 47, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 61, 65, 66, 67, 69, 75, 78, 79, 86, 97, 98, 99, 103, 104, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 124, 125, 138, 139, 141, 142, 143, 145, 147, 149, 150, 154, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 161, 162, 164, 165, 166, 169, 170, 171
- aprendizagens* 22, 23, 24, 27, 34, 38, 44, 45, 47, 48, 55, 60, 88, 105
- arte* 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 133, 135
- artes* 53, 58, 60, 62, 85, 134
- artísticos* 57, 58, 59
- atividades* 13, 14, 24, 25, 33, 35, 36, 37, 38, 40, 45, 49, 50, 61, 65, 67, 68, 69, 70, 77, 81, 86, 89, 90, 91, 92, 95, 96, 97, 98, 103, 105, 106, 109, 130, 142, 144, 145, 147, 148, 150, 154, 155, 156, 157, 158, 160, 161, 169, 171
- aulas* 16, 26, 27, 28, 39, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 72, 75, 76, 77, 78, 86, 87, 88, 91, 98, 101, 102, 105, 106, 109, 113, 115, 116, 124, 125, 134, 140, 145, 147, 148, 149, 155, 156, 157, 158, 162, 164, 165, 169
- autonomia* 33, 39, 48, 49, 58, 61, 66, 98, 107, 113
- aves* 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 88, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100

## B

- base* 34, 36, 39, 43, 46, 48, 49, 54, 87, 95, 113, 132, 138, 141, 149, 158
- biodiversidade* 65, 69, 76, 77, 81, 82, 87
- blended* 137, 138, 139, 141, 142, 143, 145, 147, 149, 151
- BNCC* 42, 43, 44, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 113
- Brasil* 3, 13, 19, 20, 29, 32, 40, 41, 43, 44, 50, 56, 59, 66, 67, 68, 69, 77, 78, 81, 82, 83, 86, 90, 99, 111, 112, 113, 114, 119, 124, 126, 131, 132, 133, 134, 135, 139, 148, 150, 151, 187

*brasileira* 77, 81, 82, 83, 100, 133, 135, 137, 138, 144  
*brinquedo* 153, 154, 156, 161, 162, 164, 165, 166, 167, 169

## C

*casos* 36, 57  
*ciências* 32, 77, 78, 79, 81, 83, 86, 87, 88, 89, 91, 92, 94, 97, 98, 99, 102, 114, 115, 119, 121, 125, 129, 136  
*científica* 65  
*científica* 19, 24, 25, 26, 87, 100, 112, 114, 115, 119, 124, 125, 126  
*colaborativa* 22, 24, 38, 39, 59, 147  
*comparada* 11, 12, 14, 19, 138, 140  
*comparados* 19, 36, 138, 140, 150  
*competências* 15, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 68, 113  
*comum* 23, 25, 26, 27, 36, 43, 45, 57, 72, 86, 90, 160  
*conceitual* 21, 23, 24, 26, 27  
*conhecimento* 13, 14, 16, 23, 24, 26, 27, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 66, 67, 69, 71, 72, 75, 77, 86, 87, 89, 91, 92, 94, 97, 103, 104, 105, 106, 109, 113, 115, 119, 121, 129, 138, 140, 141, 142, 146, 148, 149, 151, 155, 156, 157, 158, 160, 161, 165, 166, 167, 168  
*conservação* 59, 71, 81, 82, 83, 87, 98, 102  
*copo* 70, 167  
*COVID19* 102  
*crítica* 23, 24, 26, 27, 29, 38, 41, 48, 55, 58, 74, 87, 129, 138, 141, 143, 144, 150, 151  
*crítico* 13, 31, 32, 39, 40, 97, 99, 129, 140, 143, 155  
*culturais* 13, 23, 48, 52, 54, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 85, 87, 131, 133, 134, 135  
*cultural* 16, 32, 34, 47, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 72, 85, 87, 92, 97, 104, 127, 128, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 143, 144, 156  
*culturas* 12, 48, 66, 74, 85, 87  
*curricular* 19, 22, 23, 24, 27, 28, 35, 37, 38, 39, 40, 41, 43, 45, 46, 48, 49, 50, 67, 89, 92, 94  
*curriculares* 23, 35, 39, 40, 45, 46, 48, 49, 67, 143, 150, 160, 187  
*currículo* 23, 25, 26, 32, 33, 37, 40, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 51, 59, 113, 121, 133, 142, 145, 155  
*curso* 15, 17, 22, 24, 25, 33, 36, 37, 39, 40, 139, 142, 143, 145, 147, 149, 171

## D

*decisão* 22  
*decolonialismo* 128  
*desafios* 23, 25, 31, 32, 33, 34, 35, 37, 38, 39, 40, 41, 43, 44, 48, 49, 50, 51, 59, 68, 81, 109, 110, 124, 126, 136, 154, 155, 156

*desenvolvimental* 22, 24

*desenvolvimento* 13, 14, 16, 17, 18, 23, 24, 26, 29, 31, 32, 34, 36, 37, 38, 39, 40, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 51, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 66, 68, 69, 77, 81, 86, 87, 88, 91, 105, 109, 113, 115, 121, 125, 132, 133, 134, 138, 148, 156, 157, 161

*desigualdade* 17

*didática* 25, 26, 64, 65, 66, 70, 72, 76, 77, 78, 104, 107, 109

*disciplina* 15, 19, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 31, 37, 45, 46, 60, 81, 83, 87, 88, 89, 91, 97, 98, 113, 115, 116, 121, 122, 138, 139, 140, 145, 146, 147, 148, 149, 154, 155, 159, 163

*diversidade* 27, 28, 32, 40, 45, 46, 48, 57, 66, 83, 92, 97, 132, 133

## E

*ecologia* 15, 80, 86, 88, 98, 100

*econômica* 13, 17, 18, 35, 36

*educação* 11, 12, 14, 15, 17, 19, 24, 26, 29, 36, 39, 41, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 55, 56, 57, 59, 60, 63, 65, 66, 67, 68, 69, 77, 78, 81, 82, 86, 87, 98, 99, 102, 104, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 121, 124, 125, 126, 127, 128, 133, 134, 135, 138, 139, 140, 142, 143, 144, 145, 147, 148, 149, 150, 151, 156, 170, 171

*Educação* 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 24, 26, 29, 34, 41, 42, 44, 45, 46, 47, 48, 50, 51, 62, 63, 67, 76, 77, 78, 79, 82, 87, 98, 99, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 124, 125, 127, 133, 134, 136, 137, 139, 140, 142, 145, 146, 148, 149, 150, 151, 161, 170, 171, 187

*educacionais* 12, 13, 14, 16, 17, 39, 46, 56, 57, 86, 112, 113, 114, 115, 119, 124, 136, 140, 144, 151, 159, 160

*engajamento* 39, 40, 101, 102, 105, 106, 109

*ensino* 11, 13, 15, 16, 17, 19, 22, 23, 24, 25, 32, 33, 36, 37, 40, 45, 46, 47, 53, 54, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 72, 73, 74, 77, 78, 79, 80, 81, 83, 86, 87, 88, 89, 92, 97, 98, 99, 102, 103, 104, 105, 106, 108, 109, 110, 112, 113, 114, 115, 119, 121, 124, 125, 126, 133, 134, 138, 139, 140, 142, 143, 144, 145, 147, 148, 149, 150, 153, 154, 155, 156, 157, 158, 160, 161, 162, 163, 164, 169, 171

*ensino-aprendizagem* 54, 56, 78, 112, 113, 114, 115, 160

*ensino fundamental* 64, 65, 66, 67, 70, 72, 73, 77, 78, 79, 81, 83, 88, 89, 99, 160

*entomológica* 64, 65, 66, 68, 73, 74, 75, 76, 78

*equipe* 15, 104, 106, 112, 113, 115, 126, 127

*escolar* 18, 19, 32, 33, 43, 44, 45, 46, 47, 49, 50, 51, 54, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 78, 86, 119, 121, 133, 134, 155, 157, 160, 170

*estratégia* 13, 14, 39, 73, 75, 156

*estudante* 22, 23, 25, 26, 27, 28, 33, 34, 38, 45, 48, 49, 73, 74, 146, 147, 155, 160

*estudantes* 18, 22, 25, 26, 27, 28, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 37, 38, 39, 40, 41, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 65, 67, 69, 70, 71, 74,

76, 77, 78, 81, 83, 87, 88, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 115,  
121, 124, 134, 135, 143, 145, 146, 147, 148, 150

*ético* 26, 31, 40, 48, 143, 149

*experiência* 23, 33, 37, 38, 44, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 63,  
88, 102, 121, 122, 129, 135, 136, 138, 139, 140, 144, 145,  
147, 148, 149, 156, 157, 187

## F

*física* 48, 82, 83, 87, 142, 150, 154, 166

*formação* 12, 13, 14, 16, 17, 23, 25, 28, 30, 31, 34, 35, 37, 38, 39,  
40, 43, 44, 45, 48, 49, 50, 51, 57, 58, 61, 65, 67, 86, 94, 98,  
99, 109, 110, 112, 114, 124, 130, 133, 139, 141, 144, 151,  
157, 187

## G

*gamificação* 101, 102, 103, 105, 109

## H

*habilidades* 22, 23, 24, 25, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40,  
41, 45, 46, 47, 48, 49, 58, 60, 68, 104, 105, 113, 121, 157,  
160

*homem* 14, 44, 45, 63, 71

## I

*ideológicos* 17, 141

*inclusiva* 127, 128, 133

*indivíduos* 12, 15, 48, 59, 69, 72, 82, 84, 86, 90, 92, 93, 104, 105,  
143

*inglês* 16, 32, 102, 171

*inovação* 25, 31, 32, 39, 40, 41

*insetos* 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 84,  
94

*integral* 37, 43, 44, 45, 46, 48, 49, 50, 51, 83

*Isolamento* 103, 106, 109

## J

*jongo* 127, 128, 131, 132

## L

*learning* 22, 41, 65, 81, 111, 112, 137, 138, 139, 141, 142, 143,  
145, 147, 149, 150, 151, 154

*lúdico* 98, 101, 103, 106, 153, 154, 156, 157, 171

## M

*maker* 111, 112, 125

*material* 55, 65, 67, 73, 76, 78, 99, 106, 109, 114, 115, 121, 139,  
141, 157, 158, 159

*mediação* 22, 24, 38, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 60, 61, 62, 63, 144

*metodologias ativas* 23, 25, 26, 31, 33, 37, 102, 103, 104, 106, 108, 112, 113, 114, 124, 125

*México* 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20

*modelos* 13, 14, 25, 26, 67, 90, 111, 112, 114, 115, 116, 117, 119, 120, 121, 122, 124, 125, 140, 142, 143, 149, 150

*moodle* 145, 146

*morfologia* 65, 71, 72, 73, 78, 83

*museus* 55, 56, 58, 59, 60, 61, 119, 125

## N

*nacional* 13, 16, 18, 37, 41, 43, 47, 50, 99, 113, 133, 160, 187

*natureza* 12, 14, 17, 23, 37, 48, 65, 68, 69, 71, 76, 82, 87, 88, 90, 97, 98, 139, 145, 147, 148, 156, 161

## O

*Oiapoque* 64, 65, 66, 69, 70, 71, 80, 81, 83, 88, 89, 92, 93, 94, 95, 98, 100

*online* 19, 29, 102, 103, 110, 140, 144, 145, 146, 147, 149, 162

## P

*pedagógicas* 22, 25, 27, 31, 36, 37, 39, 40, 41, 45, 46, 49, 106, 138, 142, 147, 149, 150

*possibilidades* 18, 23, 24, 25, 43, 44, 48, 50, 51, 136, 138, 140, 142, 143, 147, 149

*prática* 16, 22, 27, 29, 33, 37, 41, 44, 45, 46, 54, 55, 56, 57, 59, 61, 66, 67, 68, 69, 72, 73, 75, 80, 87, 91, 95, 102, 103, 109, 113, 114, 115, 116, 121, 124, 126, 132, 135, 144, 146, 155, 160, 161, 169

*práticas* 12, 16, 23, 25, 31, 33, 37, 39, 40, 41, 46, 48, 51, 60, 65, 66, 67, 68, 69, 74, 76, 77, 78, 81, 82, 91, 98, 110, 115, 124, 125, 127, 131, 132, 147, 148, 149, 151, 155, 156, 158, 160, 161, 169, 170

*processos* 13, 14, 25, 32, 35, 37, 46, 48, 54, 57, 58, 59, 60, 61, 66, 98, 104, 109, 140, 141, 142, 143, 150, 156, 158, 161

*professor* 16, 23, 25, 26, 28, 37, 38, 39, 54, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 66, 68, 69, 72, 74, 94, 97, 103, 104, 106, 110, 113, 114, 115, 129, 134, 135, 142, 144, 145, 147, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 163, 164, 165, 187

*profissionais* 17, 25, 31, 32, 33, 35, 36, 37, 39, 40, 51, 108, 155

*profissional* 12, 13, 14, 15, 16, 23, 25, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 40, 47, 48, 68, 86, 88, 102, 103, 109, 111, 112, 113, 114, 124, 187

*projeto* 22, 25, 27, 28, 35, 36, 60, 68, 82, 90, 91, 92, 95, 96, 97, 99, 107, 112, 115, 116, 117, 121, 124, 126, 133, 139, 145, 159, 161

## Q

*qualidade* 15, 32, 35, 45, 68, 69, 82, 84, 87, 88, 98, 132, 146, 160, 168

*qualificado* 36

## R

*realidade* 12, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 39, 40, 41, 44, 46, 54, 55, 68, 87, 113, 116, 119, 121, 133, 140, 141, 143, 149, 155, 160, 161

*recursos* 14, 28, 32, 33, 34, 36, 69, 87, 104, 108, 109, 112, 113, 121, 124, 148, 156, 158, 159, 160, 162, 164, 166

*reformas* 12

*remoto* 101, 102, 104, 105, 106, 108, 109, 138, 140, 148, 149

*repertório* 25, 53, 54, 55, 57, 58, 59, 61, 62

*riqueza* 65, 67, 83

*rural* 15, 17, 18, 99, 121

## S

*significativa* 22, 32, 33, 38, 48, 65, 69, 72, 74, 86, 95, 112, 125, 154, 155, 156, 157, 158, 159, 161, 166, 169, 171

*sociais* 13, 17, 18, 23, 25, 26, 27, 31, 32, 39, 40, 46, 48, 51, 57, 58, 59, 72, 78, 81, 87, 103, 129, 136, 140, 141, 143, 145, 171

*social* 13, 17, 26, 28, 31, 34, 35, 36, 38, 45, 46, 47, 49, 51, 55, 59, 61, 63, 81, 103, 104, 129, 132, 133, 134, 135, 136, 140, 141, 144, 145, 150, 156

*socioambiental* 48

*soft skills* 30, 31, 36, 38, 40

*sujeito* 23, 25, 26, 31, 40, 45, 48, 49, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 61, 62, 65, 143, 155, 161

*superior* 15, 16, 18, 19, 24, 138, 139, 145, 147, 160

## T

*técnica* 16, 27, 35, 37, 48, 70, 101, 102, 138, 140, 170

*técnico* 11, 13, 14, 15, 16, 19, 25, 31, 32, 35, 36, 37, 47, 187

*tecnológica* 12, 14, 15, 111, 112, 114

*tendências* 13, 22, 23, 151

*teórico-prático* 22

*TICs* 104, 105, 109, 139, 147

*trabalho* 12, 14, 15, 16, 18, 19, 20, 22, 23, 24, 26, 27, 28, 32, 33, 35, 36, 37, 38, 40, 41, 43, 44, 45, 46, 47, 49, 51, 56, 58, 59, 61, 62, 65, 66, 69, 71, 72, 73, 76, 81, 82, 83, 84, 87, 89, 90, 92, 93, 95, 97, 103, 104, 113, 115, 117, 128, 133, 134, 138, 139, 141, 147, 148, 149, 154, 155, 161

*tradicional* 23, 26, 28, 31, 32, 67, 103, 113, 142, 154, 155, 156, 158, 169

## U

*UNESCO* 17, 34, 132, 133

*urbana* 17, 18, 81, 88, 90, 92

## V

*visuais* 53, 56, 90, 115

